MANDIOCA

Um período prolongado de desestímulo aos produtores reduziu a oferta e elevou os preços. Os consumidores, por sua vez, procuram alternativas para um alimento tradicional, cujos preços se tornaram proibitivos face ao baixo poder aquisitivo da população.

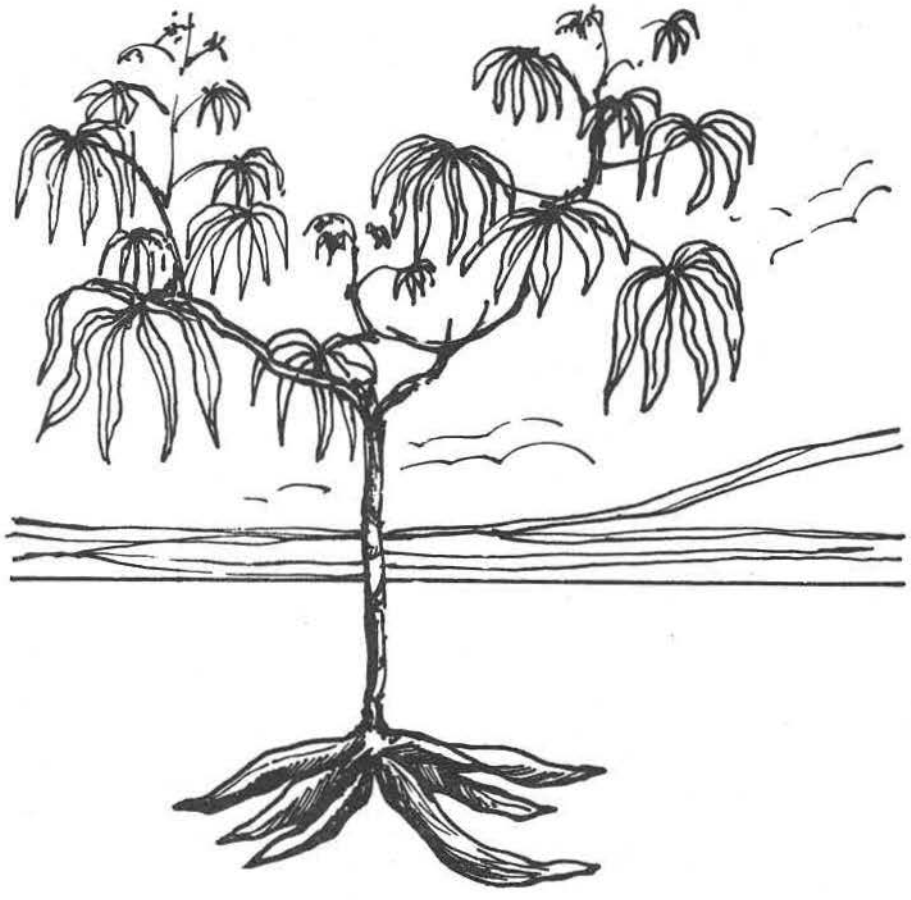
A mandioca é lavoura das mais tradicionais e suas adaptabilidade e versatilidade na elaboração de alimentos deram-lhe grande importância na dieta das populações interioranas. No entanto, apenas recentemente passou a merecer estudos mais aprofundados com vistas a seu aprimoramento, permanecendo, em verdade, pouco explorada.

Segundo trabalho da **Petrobrás Fertilizantes S.A.**[1], citando dados da **Embrapa**, estima-se que, no **Brasil**, existam mais de dez mil variedades de mandioca, das quais mil foram catalogadas no **Banco de Germoplasma**, do **Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura (CNPMF)**, englobando mais de quarenta diferentes características (da parte área e da raiz).

O **Nordeste**, normalmente, contribui com mais de 50% da produção e 95% dos agricultores enquadram-se na classificação de pequeno produtor. Cerca de 80% da produção obtida na região são usados na fabricação de farinha. As regiões **Sudeste** e **Sul** costumam responder por aproximadamente 30% da produção e alcançam os maiores índices de produtividade física das plantações.

Nessas regiões, a mandioca é também muito usada nas indústrias produtoras de amido e na alimentação animal, principalmente para gado leiteiro e suíno. O consumo de raízes **in natura** também é freqüente em algumas regiões onde se concentram os cultivos de **mandioca mansa**, conhecida como **aipim** e **macaxeira**.

O último ano considerado bom para a produção da mandioca foi 1984. No período de 1985 a 1987, a atividade passou por uma de suas piores crises. Sem conseguir recuperar os preços baixos de 1985, produtores e industriais enfrentaram ainda dois tabelamentos no varejo, durante a vigência do **Plano de Estabilização Econômica** e do **Plano de Consistência Macroeconômica (Plano Bresser)** e, em conseqüência disso, o governo se tornou, em 1986, o maior comprador de farinha de mandioca do país, estocando cerca de 180 mil t. Apesar de 100 mil t terem sido exportadas para países da **Comunidade Econômica Européia**, a venda das 80



1 Projeto Produtividade Agrícola.

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

QUADRO 03 – BRASIL – PRODUÇÃO DE MANDIOCA – 1984-88

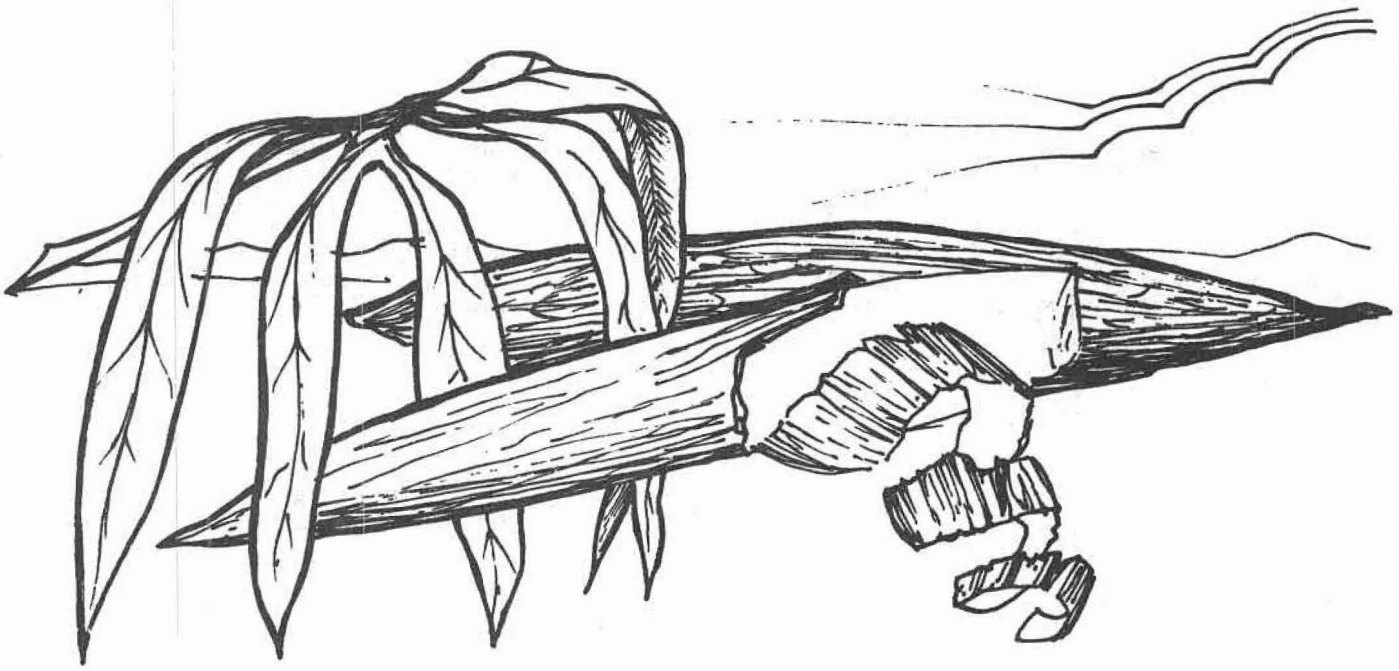
UNIDADE DA FEDERAÇÃO	VARIÁVEL	1984	1985	1986	1987*	1988[1]
BA	Área (ha)	382.500	409.000	417.000	310.000	270.000
	Produção (t)	4.350.804	5.317.000	5.421.000	3.937.000	3.429.000
	Rendimento (kg/ha)	11.375	13.000	13.000	12.700	12.700
PA	Área (ha)	133.707	146.185	173.030	160.462	155.085
	Produção (t)	1.645.339	1.903.943	2.318.573	2.024.370	1.958.604
	Rendimento (kg/ha)	12.306	13.024	13.400	2.616	12.629
PR	Área (ha)	73.688	85.800	85.800	85.445	86.600
	Produção (t)	1.446.258	1.722.864	1.700.000	1.853.950	1.818.600
	Rendimento (kg/ha)	19.627	20.080	19.814	21.698	21.000
RS	Área (ha)	127.275	127.601	134.565	132.450	136.601
	Produção (t)	1.410.255	1.515.830	1.592.008	1.693.565	1.756.689
	Rendimento (kg/ha)	11.080	11.879	11.831	12.786	12.860
PI	Área (ha)	61.740	66.910	120.784	157.699	135.547
	Produção (t)	673.376	1.013.463	1.779.956	1.773.375	1.692.767
	Rendimento (kg/ha)	10.907	15.147	14.737	11.245	12.488
MA	Área (ha)	204.353	165.320	228.352	242.460	188.521
	Produção (t)	1.647.785	1.020.687	1.808.315	1.965.868	1.503.804
	Rendimento (kg/ha)	8.063	6.174	7.919	8.108	7.977
PE	Área (ha)	149.760	144.555	141.168	132.794	113.689
	Produção (t)	1.516.320	1.474.707	1.429.580	1.291.373	1.141.110
	Rendimento (kg/ha)	10.125	10.202	10.127	9.725	10.037
SC	Área (ha)	83.102	87.060	84.812	75.738	78.000
	Produção (t)	1.090.968	1.149.192	1.224.186	1.221.229	1.092.000
	Rendimento (kg/ha)	13.128	13.200	14.434	16.124	14.000
OUTRAS	Área (ha)	599.414	633.325	664.802	637.763	580.237
	Produção (t)	7.508.042	7.954.840	8.282.379	7.739.227	7.116.514
	Rendimento (kg/ha)	12.526	12.560	12.458	12.135	12.265
BRASIL	Área (ha)	1.815.539	1.865.756	2.050.313	1.934.811	1.744.280
	Produção (t)	21.289.147	23.072.526	25.555.997	23.499.957	21.509.088
	Rendimento (kg/ha)	11.726	12.366	12.464	12.146	12.331

FONTE – IBGE.
[1] **Estimativa de agosto;**
* **Dados sujeitos a retificação.**

mil t restantes continuou a deprimir os preços em 1987, mesmo depois do fim do **congelamento** imposto pelo **Plano de Estabilização Econômica.**

Segundo dados do **IBGE** (ver Quadro 03) a área plantada caiu de 2 milhões de ha, em 1986, para 1,9 milhão, no ano seguinte. A previsão de área a ser colhida este ano é de apenas 1,7 milhão de ha. A produção diminuiu, no mesmo período, de 25,5 milhões de t para 23,5 milhões de t e, segundo estimativas preliminares, será ainda menor a produção este ano: cerca de 22 milhões de t, caso se confirmem as avaliações de perda de 20% a 30% de **manivas,** causada pela estiagem. Neste caso, de pouco adiantará o incentivo ao plantio consubstanciado no aumento real de 42% sobre o preço mínimo para a próxima safra.

A política agrícola para a cultura não tem sido satisfatória, devido ao seu longo ciclo, de doze a dezoito meses, período que compreende o último mês de correção dos preços



mínimos de uma determinada safra e os preços da próxima safra, acarretando acentuados prejuízos.

Até 1985, tinha-se a seguinte situação:

a) o preço mínimo era fixado a partir de abril e permanecia inalterado até o ano seguinte;

b) a perda mensal acumulada aumentava, devido aos altos índices de inflação; e

c) o mercado era afetado, ainda que indiretamente, pelos subsídios concedidos ao trigo e, eventualmente, ao milho e arroz.

Já na safra 1986/87, a correção mensal dos preços mínimos se deu pelo **IPP (Índice de Preços Pagos pelos Produtores).** Este não teve vida longa como indexador e, enquanto foi adotado, esteve defasado em relação ao mês de sua aplicação. Foi aplicado apenas para os meses de abril, maio e junho, ficando os demais meses sem qualquer correção. Enquanto isso, os custos de produção seguiram aumentando.

Todos estes fatores desanimaram os produtores, daí, a redução na produção.

Para a safra 1988/89, a correção mensal dos preços mínimos é dada pela variação da **OTN,** até o final da comercialização.

Os **VBC** continuam indexados à **OTN,** para evitar a desvalorização ao longo dos meses da liberação das parcelas.

A acentuada escassez na produção de mandioca fez com que os preços da farinha se elevassem e, com isso, os consumidores passassem a procurar outros produtos substitutos da **cesta básica,** como o arroz, fubá de milho e macarrão.

O consumo do arroz, no interior (**arroz de sequeiro**), poderia aumentar, em função de novos recuos no uso da mandioca. Registre-se que este cereal tem apresentado recente expansão na produção, derivada de política agrícola favorável. O mesmo poderia ser feito para o cultivo de mandioca, que possui um **leque** bem maior de usos alternativos.

O possível deslocamento da demanda da farinha de mandioca para o arroz pode ser explicado da seguinte maneira:

a) os preços da farinha podem ter atingido o seu ponto máximo, a partir do qual o consumidor passa para um produto substituto; e

b) a renda dos assalariados vem decrescendo em termos reais, forçando com isso a queda do consumo **per capita** de diversos produtos básicos da alimentação.

Maria Tamar Macedo Varão, economista